

O JORNALISTA QUE IMAGINOU O BRASIL



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

MARCELO KNOBEL

Coordenadora Geral da Universidade

TERESA DIB ZAMBON ATVARS



Conselho Editorial

Presidente

MÁRCIA ABREU

ANA CAROLINA DE MOURA DELFIM MACIEL – EUCLIDES DE MESQUITA NETO

MÁRCIO BARRETO – MARCOS STEFANI

MARIA INÊS PETRUCCI ROSA – OSVALDO NOVAIS DE OLIVEIRA JR.

RODRIGO LANNA FRANCO DA SILVEIRA – VERA NISAKA SOLFERINI

ISABEL LUSTOSA

O JORNALISTA
QUE IMAGINOU O BRASIL

Tempo, vida e pensamento
de Hipólito da Costa (1774-1823)

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP/
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

L976j Lustosa, Isabel

O jornalista que imaginou o Brasil: tempo, vida e pensamento de Hipólito da Costa (1774-1823) / Isabel Lustosa. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2019.

1. Pereira, Hipólito da Costa, 1774-1823 – Biografia. 2. Imprensa – Brasil – História.
3. Brasil – História – Séc. XVIII. I. Título.

CDD – 920.71
– 079.81
– 981

ISBN 978-85-268-1516-2

Copyright © by Isabel Lustosa
Copyright © 2019 by Editora da Unicamp

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à
Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3ª andar
Campus Unicamp
Cep 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel.: (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

À memória de Alberto Dines.

AGRADECIMENTOS

Sou muito grata a Alberto Dines, não só pela confiança e pela amizade com que me honrou, como também por ter me estimulado a melhor conhecer Hipólito da Costa e sua obra. Sem o convite dele para organizarmos a edição fac-similar do *Correio Braziliense* eu talvez não tivesse o estímulo necessário para escrever este livro. Só lamento não o ter publicado antes de sua partida, pois sei o quanto aquele grande cultor da memória de Hipólito da Costa teria ficado feliz em conhecer esta obra sobre a qual tantas vezes falamos.

Agradeço do fundo do coração à minha colega e amiga Lúcia Bastos Pereira das Neves, que encarou a leitura dos originais deste livro a meu pedido. Precisava da opinião da maior especialista na história do período, e ela generosamente leu e me fez diversas sugestões, que foram em boa parte incorporadas a esta última versão.

Sou muito grata à historiadora canadense Karen Racine, pela generosidade com que tem me tratado, ao longo dos tantos anos que nos conhecemos, tendo nos encontrado pessoalmente apenas uma vez, quando ela veio à Casa de Rui Barbosa com Beatriz Mamigonian me visitar. Biógrafa de Francisco Miranda, especialista nos processos de independência da América hispânica,

Karen me abasteceu de fontes originais que foi encontrando em suas pesquisas e que me foram utilíssimas. Ela me ajudou até a decifrar a difícil grafia do testamento do sogro de Hipólito da Costa.

Agradeço a Ana Cláudia Suriani, pela oportunidade de apresentar Hipólito da Costa ao público inglês, em seminário organizado por ela em 2015 no University College London e que deu origem ao capítulo que publicamos em parceria no livro organizado por ela e Constance Bantman, *The Foreign Political Press in Nineteenth Century London: Politics from a Distance*. Bloomsbury: London, UK, em 2018.

Também agradeço a Eliana de Freitas Dutra e Jean-Yves Mollier, por outro convite que me possibilitou apresentar Hipólito da Costa ao público francês em um dos capítulos da edição do livro organizado por eles, *L'imprimé dans la construction de la vie politique. Brésil, Europe, Amériques, XVIIIe -XXe siècle*, Rennes: Presses universitaires de Rennes, collection “Des Amériques”, 2015.

Ao longo dos muitos anos que venho estudando Hipólito da Costa e seu jornal, contei com a ajuda de vários pesquisadores. No Arquivo Nacional a boa vontade de Cláudia Beatriz Heynemann foi fundamental para que eu localizasse alguns arquivos mais difíceis. A historiadora Patrícia de Sousa Lima me ajudou a colher o material que resultou nas notas que abrem as edições da coleção e, depois, como bolsista da Casa de Rui Barbosa, organizou um banco de dados sobre o conteúdo do *Correio Braziliense*. Na Casa de Rui Barbosa, tive como bolsista a hoje historiadora Roberta Triches, que me auxiliou no levantamento de dados para um projeto sobre o Brasil nas páginas do *Correio Braziliense*, que apresentei em 2008 em seminário da UFF para o bicentenário da chegada da Corte ao Brasil, e que compõe parte do segundo capítulo deste livro. Em 2015, Afonso Malecha e

Bryan Trannin, bolsistas de iniciação científica da Casa de Rui Barbosa, percorreram os arquivos do Itamarati, da BN e do IHGB levantando documentos que eu ainda não conhecia.

Meu marido, Mario Bag, foi leitor de primeira hora dos originais e seu estímulo para que eu pusesse o ponto final foi decisivo.

Meu reconhecimento a todos esses parceiros de aventura, que não têm responsabilidade alguma sobre eventuais falhas e omissões que o leitor venha a encontrar.

Fonte da Saudade, 19 de julho de 2019.

SUMÁRIO

Apresentação	13
Capítulo 1 – Estudos, viagem e prisão	
<i>A Colônia de Sacramento</i>	17
<i>O Padre Doutor e seus sobrinhos</i>	20
<i>Em Portugal</i>	23
<i>Viagem aos Estados Unidos</i>	26
<i>A Maçonaria</i>	32
<i>A prisão</i>	37
<i>O inquérito</i>	41
Capítulo 2 – Entre Lisboa e Londres	
<i>A fuga</i>	53
<i>Um príncipe inglês, a nobreza e a Maçonaria se aliam contra o herdeiro de Pombal</i>	58
<i>A família real inglesa</i>	65
<i>O duque de Sussex no Parlamento britânico e na Maçonaria</i>	69
<i>Mudança de eixo: a transferência da Corte portuguesa</i>	73
<i>O Correio Braziliense</i>	76
<i>Um jornal para o Brasil</i>	80
<i>Brasília avant la lettre: uma nova capital para o Brasil</i>	83
<i>Unidade nas finanças, transparência e fim dos monopólios</i>	85
<i>Imigração</i>	89
<i>Instrução e formação de elites</i>	90

Capítulo 3 – Entre o partido inglês e o partido francês

<i>D. Rodrigo e António de Araújo</i>	105
<i>O primeiro round entre Hipólito e d. Domingos</i>	110
<i>Um acordo com os irmãos Sousa Coutinho e a fidelidade de Hipólito ao rei</i>	115
<i>Censura</i>	120
<i>O Tratado com a Inglaterra</i>	126
<i>Um jornal para combater o Correio Braziliense</i>	129
<i>Miranda</i>	132
<i>Os diamantes do Brasil e a má diplomacia do conde de Funchal</i>	135
<i>Lorde Strangford e o fim do reinado dos irmãos Sousa Coutinho</i>	140

Capítulo 4 – Ideais e pragmatismo

<i>Heliodoro e a condessa d'Oyenhausem</i>	151
<i>O amigo do rei</i>	155
<i>Hipólito, a escravidão e o tráfico negreiro</i>	157
<i>Ambiguidades diante da Revolução Pernambucana de 1817</i>	162
<i>Um jornalista português em Londres</i>	168
<i>José Liberato e O Padre Amaro</i>	173

Capítulo 5 – Intrigas e revoluções

<i>Agentes do rei</i>	187
<i>Conexão Paris</i>	189
<i>A execução de Gomes Freire</i>	194
<i>Revolução</i>	198
<i>Encanto e decepção</i>	202
<i>Portugueses contra brasileiros</i>	207
<i>O Dia do Fico e seus desdobramentos</i>	210
<i>Contraste entre a situação de d. Pedro e a de d. João</i>	215

Capítulo 6 – Reinos desunidos de Portugal e do Brasil

<i>A imprensa brasileira</i>	229
<i>O Brasil nas Cortes de Lisboa</i>	232
<i>Hipólito e José Bonifácio: identidade de projetos para o Brasil</i>	234
<i>A política externa de José Bonifácio e Hipólito da Costa</i>	240
<i>Caldeira Brant versus Hipólito da Costa</i>	245
<i>Os negócios do senhor Da Costa</i>	252
<i>Morre o homem, fica a fama</i>	256

Fontes e bibliografia	269
-----------------------------	-----

APRESENTAÇÃO

Um amigo alemão me disse uma vez: o bom não é escrever. O bom é ter escrito. E, ao dar o ponto final neste livro, cuja produção se arrasta há anos, entre longas e curtas interrupções, não posso deixar de reconhecer: foi difícil escrever, mas foi bom ter escrito. Apesar de todas as dúvidas sobre o que faltou falar, ou quem era indispensável citar, chego ao final desta obra feliz. Feliz por conta de tudo que precisei ler e aprender para contar nas páginas que vocês lerão a seguir. O mais difícil dessa empreitada foi ter de estudar cada uma das situações históricas que direta ou indiretamente tinham a ver com o meu herói, o que acabou me proporcionando um cenário variado e inusitado, com um elenco de personagens fascinantes. Este é o gosto e o desgosto de escrever biografias: não basta contar o fato; é preciso entender suas circunstâncias, e elas envolvem muitos aspectos.

Hipólito da Costa é um velho amigo que encontrei quando, no hoje longínquo ano de 1995, escrevia minha tese de doutorado em Ciência Política, *Insultos impressos — a guerra dos jornalistas na Independência*, defendida no Iuperj em 1997 e publicada pela Companhia das Letras em 2000. O universo da imprensa brasileira daquele contexto fora fortemente influenciado por

Hipólito da Costa e, na tese, eu já dedicava algum espaço ao seu pensamento e à sua atuação na política do tempo. A iniciativa de meu saudoso amigo, Alberto Dines, de propor à Imprensa Oficial do Estado de São Paulo a publicação da edição fac-similar do *Correio Braziliense*, e o convite que me fez para editá-la junto com ele representaram uma oportunidade única de lidar diretamente com todos os volumes que compõem aquela coleção. A escrita das notas que antecedem cada um dos volumes proporcionou-me um contato aprofundado com o conjunto da obra de Hipólito como jornalista e me deu acesso a uma visão mais precisa de seu pensamento político.

Aspecto intrigante da biografia de Hipólito da Costa é o pouco tempo que ele viveu no Brasil, em contraste com o tanto que ele escreveu sobre e para o Brasil. Hipólito nasceu em 1774, na Colônia de Sacramento, que então fazia parte da Cisplatina, aquela parte do Brasil que iria formar o Uruguai. Viveu ali até os três anos. Passou a infância e a adolescência — cerca de 14 anos — no Rio Grande do Sul, e foi para Coimbra, iniciando uma trajetória que o manteria fisicamente afastado do Brasil até sua morte, aos 49 anos, em 1823. Sua biografia, no entanto, começaria a distanciá-lo de Portugal a partir dos dois anos em que viveria nos Estados Unidos e dos três que passaria preso nos cárceres da Inquisição. A viagem à América lhe proporcionaria um contato direto com a grande experiência democrática e republicana que eram os EUA, e o levaria a relativizar as possibilidades dos arranjos da ordem política. Sua filiação à Maçonaria também contribuiria para uma maior abertura no sentido das expectativas de mais liberdade e direitos. A volta a Portugal, no final de 1800, seria marcada por uma militância maçônica que acabaria por levá-lo à prisão. O Hipólito da Costa que se estabeleceu em Londres entre 1805 e 1806, depois de uma aventureira fuga de Portugal, chegou transformado por essas duas marcantes experiências. Os anos de

vida na Inglaterra, o contato com suas instituições políticas e a própria atividade editorial completariam sua formação.

Quando o príncipe regente, d. João, se estabeleceu no Brasil, em 1808, Hipólito da Costa começou a publicar em Londres um jornal que escolheu chamar de *Correio Braziliense*. Para ele, como explicaria depois, brasileiros eram os que comerciavam com o Brasil; brasilianos eram os indígenas do Brasil e brasilienses, os portugueses nascidos no Brasil. Era, principalmente, a estes que o jornal se destinava. Assim, durante 14 anos, um brasileiro que nascera no Uruguai, se formara em Portugal, conhecera os EUA antes e melhor que qualquer outro de seu tempo, e que viveria boa parte de sua vida na Inglaterra, dedicou-se a publicar um jornal para o Brasil. Não se tem notícia de que Hipólito da Costa tenha estado alguma vez no Rio de Janeiro, em São Paulo ou em Minas Gerais e, menos provavelmente ainda, na Bahia, em Recife, em São Luís do Maranhão ou em Belém do Pará. Enfim, do Brasil, Hipólito só conheceu o Rio Grande do Sul, região de fronteira, cenário das disputas com as colônias espanholas do Prata, com as quais se confundia culturalmente. Sua trajetória é uma demonstração de que o que chamamos pátria é muito mais do que um espaço geográfico. Com a publicação de seu jornal, Hipólito da Costa contribuiu para forjar no imaginário de seus compatriotas a ideia de um Brasil-nação que juntava as várias partes até então sempre em estado latente de fragmentação em uma unidade política e cultural.¹

Este livro narra a trajetória de um homem cuja intimidade pouco se conhece. Dos papéis de Hipólito da Costa que chegaram aos nossos dias, quase nenhum tem caráter pessoal. E, mesmo os que revelam alguma coisa de sua vida, de seus sentimentos, são cartas ou depoimentos que se relacionam com algum aspecto de sua vida pública, como é o caso do *Diário da minha viagem à Filadélfia* e de *Narrativa da perseguição*. E isso não é obra do acaso. Além de ter sido, como denotam as matérias contra ele

publicadas em jornais inimigos, extremamente reservado em sua vida pessoal, o fato de ter casado tardiamente e de seu casamento ter durado os últimos cinco anos de sua vida — tendo a viúva casado depois mais duas vezes — deve ter contribuído para o desaparecimento de papéis que revelassem mais sobre o marido, o amante e o pai de família que foi Hipólito da Costa. Os que se detiveram sobre sua personalidade e seu caráter o fizeram em campanhas patrocinadas por inimigos que pretendiam desmoralizá-lo, de modo que, apesar de incluídas aqui, essas informações devem ser vistas com mais reserva do que têm sido.

Assim, esta é a biografia de um homem político, ativista do liberalismo, empenhado em fazer o Brasil progredir e ocupar o lugar que lhe estava destinado. A biografia de um homem de letras combativo, determinado a lutar por suas ideias e que tinha a liberdade como princípio, como meio e como fim. Uma biografia cujos lances emocionantes estão associados exclusivamente a essa dimensão pública, mas que, no entanto, demonstram o caráter extraordinário do biografado e a importância de fazer com que sua história seja conhecida. Finalmente, trata-se de um livro que, para tornar conhecido um homem que participou dos processos políticos que afetaram o destino de Portugal e do Brasil durante a maior parte de sua vida, apresenta também aspectos da história desses dois países naquele contexto. Espero que o leitor, amante da história do Brasil, ao qual este livro é dedicado, tire de suas páginas conhecimentos e informações não só sobre o homem, mas também sobre seu tempo.

Nota

1. Adoto aqui a concepção consagrada por Benedict Anderson sobre a nação como comunidade política imaginada, para a construção da qual, no caso do Brasil, as ideias de Hipólito da Costa, publicadas no *Correio Braziliense*, foram fundamentais. Ver Anderson, 2008, pp. 31-34.

CAPÍTULO 1

ESTUDOS, VIAGEM E PRISÃO

A Colônia de Sacramento

Ponto turístico obrigatório para quem viaja para o sul do nosso continente em busca de lugares históricos e pitorescos, a Colônia de Sacramento, no Uruguai, às margens do estuário do Rio da Prata, já foi parte do Brasil. Quem desembarca hoje em seu porto segue por uma estrada sombreada por palmeiras até o centro da cidade, arejado pela brisa suave do Prata e animado por cafés e restaurantes charmosos. Ali, nas pequenas e tranquilas ruas pavimentadas com grandes pedras, persistem ruínas, igrejas e edificações públicas, bem como habitações do tempo dos portugueses. Uma das casinhas coloniais que resistiu ao tempo foi a modesta morada de um piso em que nasceu Hipólito José da Costa, e que ainda hoje pode ser visitada.

Fundada pelos portugueses na margem esquerda do Rio da Prata, no começo de 1680, a Colônia de Sacramento e toda a chamada Banda Oriental, região que hoje compreende o Uruguai, foi alvo de disputas entre Portugal e Espanha por mais de um século. Disputas essas que chegaram ao Primeiro Reinado e só foram superadas com a criação da República Oriental do Uruguai, em 1828. Os castelhanos tomaram Sacramento em 7 de agosto

de 1680, mas, em 1683, ela foi reconquistada pelos portugueses, que tiveram sua posse reconhecida pela Espanha no Tratado de Lisboa de 1700. Em 1704, houve nova ocupação espanhola, mas Portugal conseguiu que, no tratado de paz assinado em Utrecht (1715), seus direitos sobre a Colônia de Sacramento fossem reconhecidos. A criação pela coroa portuguesa de uma colônia bem em frente a Buenos Aires foi uma tentativa de fundar um polo de comércio no extremo sul de seu território americano. O porto de Sacramento recebia navios de várias partes do Brasil e de Portugal trazendo mercadorias que eram contrabandeadas para as províncias espanholas — situação que desagradava à Espanha e aos seus representantes nas colônias do Prata.

Em 1750, pelo Tratado de Madrid, foi acertada entre portugueses e espanhóis a troca da Colônia de Sacramento pelos Sete Povos das Missões — aldeamentos indígenas criados por padres espanhóis —, mas a reação dos índios missionados, que se recusavam a abandonar suas terras, impediu a transação. Sem a contrapartida, os portugueses não entregaram a Colônia de Sacramento, o que serviu de pretexto para a invasão do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina pelos espanhóis. Somente com o Tratado de Santo Ildefonso (1777) foram reconhecidos definitivamente os direitos espanhóis sobre a Colônia de Sacramento e os Sete Povos, e os de Portugal sobre Santa Catarina e o Rio Grande do Sul.

Um ano antes da assinatura desse último tratado, Sacramento foi cercada por tropas espanholas, e os portugueses ali estabelecidos foram obrigados a deixá-la. De acordo com os termos da capitulação, todos teriam transportes e condições de retirar seus pertences para seguir para o Rio de Janeiro. Contudo, o general espanhol que conduziu o cerco a Sacramento, Pedro de Ceballos, descumpriu as promessas e promoveu a expulsão imediata dos portugueses, remetendo muitas famílias para ocupar regiões de fronteira da Argentina em condições precárias. No trajeto entre

Sacramento, Buenos Aires e outras regiões, muitos tiveram seus bens sequestrados e se viram sem condições de subsistência.

O pai de Hipólito, Félix da Costa Furtado de Mendonça, natural de Saquarema, no Rio de Janeiro, onde nasceu em 1735, era um dos tantos militares brasileiros que foram lotados em Sacramento na década de 1770. Ele participara das lutas que antecederam o tratado de Santo Idelfonso e estava em Porto Alegre em 1775, na campanha que resultaria na expulsão definitiva dos espanhóis do Rio Grande do Sul. Em reconhecimento aos seus feitos militares, ele foi promovido a alferes e, no final daquele ano, era o comandante do forte da pequena ilha de São Gabriel, no Rio da Prata, a três quilômetros de Sacramento. Em 1773, Félix da Costa se casara com Ana Josefa Pereira de Mesquita, que nascera na Colônia de Sacramento. Ana Josefa era a caçula dos 11 filhos de Vicente Pereira e Madalena Martins Pinto de Mesquita, que, como outros 60 casais vindos de Trás-os-Montes, desembarcaram em Sacramento em 18 de fevereiro de 1718. O filho mais velho de Félix e Ana, Hipólito José, nasceu em 25 de março de 1774.

Em 1776, Félix da Costa, sua mulher, seus filhos e seus cunhados foram obrigados a partir para Buenos Aires, onde a família permaneceu até 1778 e onde, ainda em 1776, nasceu o irmão caçula de Hipólito, Felício Joaquim. Depois, a família seguiu para a vila do Rio Grande, recém-convertida ao domínio português. Com eles ali se estabeleceram também os irmãos de Ana Josefa: os padres, Pedro Pereira Fernandes de Mesquita e Antônio Pereira Fernandes de Mesquita, e as irmãs, Antônia Pinto de Mesquita e Maria Pereira de Mesquita. A 22 de novembro de 1780, Ana Josefa deu à luz seu terceiro filho, José Saturnino.

A família permaneceu em Porto Alegre até cerca de 1782, quando Félix da Costa e seus dois cunhados padres, Antônio e Pedro Pereira, receberam porções de terras nos campos de Pelotas,

onde se fixaram, iniciando ali uma trajetória que os colocaria entre as pessoas de posses e de prestígio da região. É provável que Ana Josefa, a mãe de Hipólito, tenha morrido cedo — com certeza bem antes do marido, que não a menciona no testamento. Quando Félix da Costa morreu, em 27 de junho de 1819, aos 84 anos, foi sepultado em cerimônia solene na matriz de São Francisco de Paula de Pelotas, vestindo o hábito do Carmo. Seu testamento revela bens correspondentes aos de um homem abastado e de espírito generoso. O ex-alferes, depois de declarar que, até aquela data, não devia nada a ninguém, mas que tinha, sim, alguns credores, recomendava a seus testamenteiros “que aquelas dívidas que se me devem as cobrarão sem contenda na Justiça podendo ser e ainda perdoarão aquelas que exigem vexame para serem cobradas”.¹

O Padre Doutor e seus sobrinhos

Um dos dois tios maternos de Hipólito era o padre Pedro Pereira Fernandes de Mesquita,² homem de grande cultura que obtivera o bacharelado em Cânones, em Coimbra, no ano de 1752, e que se tornou conhecido em seu tempo como o *Padre Doutor*. Fora vigário da Colônia de Sacramento até 1758, quando se desentendeu com o governador, Luís Garcia Bivar, que foi queixar-se ao bispo e, com isso, o padre Mesquita, que sugere Mecenas Dourado, aparentemente “não possuía as virtudes evangélicas de mansidão e paciência”,³ foi afastado da liderança da paróquia. Quase 20 anos depois, padre Mesquita testemunhou a saída de portugueses e brasileiros da Colônia, deixando uma *Memória* sobre o episódio.⁴ Publicado apenas em 1868, seu texto é um importante documento para conhecer os detalhes dramáticos dessa história relatados por quem a vivenciou.